



ÍNDIOS: IDENTIDADES, ARTES, MÍDIAS E CONJUNTURAS

Jaider Esbell*

O índio artista pinta em seu estúdio a vida própria e de seus parentes. O que se vê é um mosaico plural que ele explica traço a traço em valores universais.

NOTA

Este ensaio tem o propósito maior de expor um pensamento coletivo minimamente organizado acerca dos fazeres e saberes que evidenciam e legitimam a Arte Indígena Contemporânea. O tema sinaliza para a complexidade do argumento e trata mesmo de uma ferramenta de poder, de praticar a política de resistência e de avanço na cena viva da atualidade. Como uma floresta virgem, o texto convida o leitor ao desconhecido, se não do todo, a deixar repousado, por instantes que sejam, suas parcas referências e conclusões para ouvir, ver e sentir, talvez, uma argumentação repleta de evidências. Auto-identidade, a

* Jaider Esbell é artista plástico, escritor e produtor cultural desde 2010. Premiado, o artista indígena da etnia Makuxi-RR figura na cena contemporânea com trabalho contextual e escreve ensaios de suas experiências em diversas mídias. Para conhecer mais: www.jaideresbell.com.br.

busca de suas raízes e suas projeções em ramos frutíferos, uma viagem alucinante da ancestralidade ao tempo em construção, o presente transitório. Me utilizo de linguagens pares, de tudo que a arte proporciona com estas tecnologias, para fertilizar outras entranhas. Escrevo sobre as veias frias, contatos entre culturas, parâmetros polidimensionais das abordagens. Socializo meu pensamento, fruto do alcance que me é possível, resultado de minhas leituras, com identidade e cultura própria, sendo fruto do meio e um produto em mim mesmo, por teimosia. Sou índio, sou artista, sou mídia e caminho beirando o senso comum, os carimbos taxativos e as investidas em descaracterização. Fundamento meus argumentos em experiências, vivências, abordagens recorrentes e, não sem medida, mergulho em valores universais como poder e dominação, mídia e sentimento. O juízo de valor, a força suprema das violências

em vozes mais altas, em tamanho maior de contingente, na frieza e no desdém com o descoberto, o agressivo e perigoso selvagem. São apenas animais, irracionais, pagãos sem memórias, portanto, sem sentido e sentimentos; ainda perdura essa sentença. São índios e desconhecem os nobres sentimentos, caminham sobre os recursos do nosso desenvolvimento, são de fato empecilhos. Damos-lhes, visto que deles nada teremos, outros valores. Damos-lhes a fé para que compreendam-se no mundo, damos-lhe ferramentas para que deixem seus estados animalescos, por fim acabamos de vez com esta miragem do tempo. Cai por terra esse anseio e levanta um coro reverberante de ancestralidade em meio a toda corrupção política milenar ainda mais viva na atualidade.

OS “ÍNDIOS”

A literatura especializada empenha-se em explicar ou, ao menos, tenta explicar à luz de vários argumentos, ou falta deles, os termos genéricos para designar tais personagens – os índios. Contendo, nestes, os próprios ensejos do movimento indígena brasileiro em universalizar a forma mais correta de se referir politicamente aos remanescentes à chegada dos europeus. Índios, indígenas, povos indígenas ou tribos? Não param aí os conectores, os pontos fluidos de nosso ser. Avançamos para o direito à terra, aos costumes e tradições, às novas adoções e desusos, à fé, ao manifesto coletivo e ao propósito próprio, o índio pessoa. As suas

legitimidades no agora e suas passagens para um futuro possível precisam, sem dúvida, de mais atitude e menos teorias. Uma única certeza temos e deve ser consenso: tratar a questão no singular é um erro básico, falta sentido crítico e não gera possibilidades.

As ciências afins fazem seus deveres e aos poucos parecem se abrir ao inevitável, qual seja, ouvir cuidadosamente o que dizem aqueles que alçaram outros patamares na cadeia cruel das visibilidades, a mídia. A arte fala por voz própria e sua legitimidade antecede às imposições. Como forma de poder, cabe aos nobres cientistas o exercício de considerar como fonte válida as manifestações que tomam volume e adeptos no campo prático das experimentações. Artistas oferecem suas habilidades, e seus produtos são objetos de poder; vida, trajetória, memória, contexto e espiritualidade. Esse pacote de política sempre existiu.

O novo talvez esteja na firmeza em manterem-se crescentes e situados na grande curva dos valores exigidos para seguir fluentes, as mídias abertas. Não, aqui não adentraremos nos pormenores das nomenclaturas, visto que, na prática, não é exatamente disto que precisam os descobertos (sic) de uma rede possível e justa de existências. Estamos de fato para além dos conceitos e também justifico minha aposta em referenciar meu escrito nos termos que povoam o imaginário no palco vivo onde me manifesto.

Lá, fora dos muros das instituições, as pessoas por tudo querem saber: você é índio de verdade? Índios ainda existem e como eles são? Quando uma pessoa pergunta com tanta solicitude, referindo-se à minha pessoa, postura e configuração mais complexa, se sou índio de verdade, ecoa nesta voz um sentimento universal de desconhecimento de trajetórias ou mesmo de fluxos possíveis entre a floresta e as metrópoles, o palco atual onde poucos ocupam. Sobre tais questionamentos sou enfático, sim, eu sou índio de verdade, mas tenho aqui um leque de outros índios, talvez um deles te satisfaça.

AS IDENTIDADES

Eu sou, tu és, nós somos, eles ou elas o são. Não é exatamente querer compreender o ideário, tampouco medir faculdades e lacunas do ser. A arte mostra paisagens já formando outras. Paisagens são composições que independem e partem, na prática, da ideia de plataforma multidimensional, superfície rugosa, farta em camadas, em contrastes, com sentidos próprios e do todo. Paisagem também é a compreensão abstrata de cada um e, em determinado estágio, o sentido de paisagem remete ao zero pensar, mas de fato requer a relação ser – pertencer – enxergar-se de dentro e por fora. Parte do princípio do auto manifestar-se, inserir-se coletivamente sem esquecer-se a essência de pessoa única. Trata-se da busca à exteriorização, por meio de mídias, das melhores expressões artísticas e culturais

e por conseguinte mostrar-se no todo, nisto que se conhece como atualidade. Mostrar-se por espontaneidade, por consciência e por saber o que fazer para garantir-se vivo, no meio, na média, com autonomia e protagonismo.

A exposição midiática nestes tempos pode dizer muitas coisas e não devemos esquecer a palavra moda, como algo solto no tempo, exaltado e esquecido à revelia do brincante, sim, um perigo a mais. Moda, não incorramos nesse risco, pois apenas alcançamos a mídia e ela tem seus próprios meios de fazer-se em nós e nós por múltiplas habilidades negamos e afirmamos por outros meios. Operamos ancestralidade em códigos universais no agora transitório.

A arte vem para extrapolar nossos próprios sentidos se tivermos firmeza em suportar as baionetas dos julgamentos. Para nós, índios, nunca fará qualquer sentido o todo em separado. E se a arte separa é para chamar à atenção para o sentido do todo. Identidade é algo construído, em constante mutação, que pode ser interpretada facilmente pelo externo, mas que, de fato, prescinde à pessoa como parte de um todo maior, somos nós os maiores interessados.

Vimos recentemente da oralidade. Não só nós, o Brasil segue quase analfabeto. O nosso país é uma incógnita, um amplo palco físico de climas e geografias próprias que pouco dialogam postas as últimas fronteiras, a censura recorrente.

Assimilamos aos poucos e é preciso respeitar nosso tempo. Compreendemos o mundo e devolvemos mais vida, mais possibilidades e somos condenados.

Não me cobrem. Teóricos, talvez, me contemplem, mas não é mesma coisa que eu dizer. Ao mesmo tempo, minhas afirmações são retratos, momentos de minhas vivências. Cabe pedir a chance para me colocar sem ser conclusivo. Entendo, estamos na sala de aula e consciências se formam com a riqueza dos valores ou desvalores individuais; há querer e pesos em cada sentença. Não deixaremos jamais a oralidade, mas, adotar outras mídias, é uma opção, um direito, caminho, canal de fluidez.

A ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA – MÍDIAS E CONJUNTURA

Aquelas pinturas deixadas nas rochas são códigos dizendo cavem, aprofundem, usem seus recursos para o autocohecimento, para a autonomia. Que recursos seriam esses? Memórias, xamanismo e outras habilidades extra-sensoriais. A arte empregada na compreensão de si enquanto indivíduo fragilizado na dispersão, mas que, tendo acesso à tecnologia de ponta, flui sem perder a razão de pedir permissão ao deus do lugar. Em termos simples seria a costura, a junção dos elos do tempo para uma projeção midiática carregada de valores alcançados ao longo do tempo que ainda parece sutil, quase vago.

É confortável acreditar que as inscrições deixadas nas rochas sejam impressões, informações recebidas pelos xamãs em seus trabalhos de consultas aos espíritos superiores durante os rituais para receber instruções para a vida prática. O Xamã e seu ofício aliado às habilidades artísticas, como ritos, cantos, danças, performances e, claro, o desenho, modo mais ilustrativo de repassar a informação que deveria ser concebida por todo o grupo em cada situação em particular. Aqui, temos pistas contundentes de como a arte esteve manifestada desde sempre entre os povos primeiros.

A arte prestar-se ao sentido prático da vida, sendo uma habilidade xamânica para orientar sobre locais de caça, modos de guerrear ou modos de usar recursos para curas ou mesmo feitiços contra inimigos. Ao operar as habilidades artísticas na contemporaneidade, percebo o efeito de forças externas à minha própria razão; as imagens se formam em uma espécie de consciente expandido, acompanhado de visões e sensações que, além do ilustrado, preciso me dotar de outros recursos como a escrita e o audiovisual para melhor designar o efeito.

Ao passo em que me descubro enquanto artista, recebo estímulos sensoriais que me conduzem a aceitar uma ancestralidade latente, que hora se apresenta bastante sincrética e quase sempre me faltam os termos completos para me fazer compreensível. A busca por maior lucidez pressupõe outros

exercícios, como enxergar mais vida, cultivar mais união, valorar sobremaneira a memória.

A busca por uma prática de espiritualidade pressupõe aceitar que indivíduos quaisquer, dotados de múltiplos valores, permanecem mais compostos, mais complexos, mais reais nas medidas de suas escolhas. Para manter-se sensível à voz da natureza, que fala em sussurros para ouvidos puros, seus filhos diletos que ela mesmo resgata nas horas de infortúnios, é preciso sensibilidade e aceitação. Não há fronteiras entre a arte e a vida plena dos índios. Categorizações vieram depois com as mídias e a ciência e mesmo estas já não sustentam seus argumentos, indo buscar substância nos artistas indígenas que se dispõem a falar ou escrever sobre seus processos criativos, que se manifestam politicamente no todo.

Já sabemos estar indo no sentido contrário da vida plena. Embalados no redemoinho encantando do mito do desenvolvimento, os indígenas hoje experimentam valores como pobreza extrema. As estruturas sociais também colocam alguns como ricos, desenvolvidos, organizados, em detrimento de outros que não tiveram as mesmas condições, o mesmo tempo de se reposicionarem no mundo. Os povos indígenas como quaisquer seres viventes não estão alheios a uma tendência generalista de que todas as sociedades caminham para um mesmo fim pelos mesmos meios. Sim, os indígenas

também querem e merecem o desenvolvimento. Isso é audível e visível, está no cinema esta informação.

Os artistas indígenas adotam tudo do novo e também falam de mitos, sendo ainda, estes, eternas lendas, já sendo urbanos. Em resumo, o que almejamos enquanto artistas indígenas é, ou deveria ser, o romper urgente com ideias passadas de um índio geral, imaginado, visto de fora para dentro do mato. Talvez, não uma desconstrução, mas uma agência em motivar o olhar geral para construir conceitos novos que traduzam o nosso momento transitório de cultura e sociedade.

Queremos e podemos, mas, de um modo geral, devemos ter prudência. Quando aplico tal sentença, busco atuar numa linha comum de existência no palco prático de uma vida mantida pelos recursos naturais. Exatamente, o que talvez mais nos caracterize é a habilidade em viver em estado de plenitude colhendo direto da natureza todos os nossos insumos. Mas vê-se esse elo enfraquecido e, na oferta de outros recursos, caímos em armadilhas que não nos colocam *a priori* como uma nova classe social; deixa um vácuo de existência, que deixa em desamparo todo um gênero humano. É buscar emergir os índios atuais, com toda a diversidade e extensão de raízes, e situá-los, com vozes e ferramentas plenas, no agora, a projetarem-se no futuro comum de outros desafios.

O acesso ao consumo industrial e o descarte de seus resíduos, eis nossa maior preocupação. Alcançar a cultura dominante e tornar-se mais um alheio à reutilização, reciclagem, à limpeza do ambiente natural. O artista indígena, junto com sua base, tribo, comunidade ou bairro, é exposto no todo, por meio da arte, numa relação que engloba fazendo todos os tempos e sentidos se equivalerem em desafios. Reunidos, dizem em todas as dimensões: nós existimos e somos ou estamos assim. Esse assim seria uma condição de angústia, uma experiência decadente de contato com a vida moderna, tal qual a grande sociedade que, não sendo desenho, passa ao infortúnio do inevitável.

As frustrações, doenças da alma, como a tristeza profunda, aliadas a novos vícios, como drogas químicas e alcoolismo, são heranças do novo tempo. Um tempo maldito, descrito bem antes, novamente pelos xamãs, a fuga para o mundo espiritual como recurso possível, o suicídio. Talvez não lhe pareça, mas falamos em conjuntura.

Neste ensaio minha exposição é feita em várias frentes. Aqui falamos do estado pleno, do índio como senhor de seu tempo, que trafegou na história dissipada e se vê no agora escrevendo livros, publicando conselhos para se auto recordar. Como é viver na modernidade? Como manter-se presente se não dissermos quem somos? Se não o somos como tais, nada seremos e vagaremos indigentes nas vias das grandes

incógnitas. É nesse mostrar-se, nesse dizer coletivo que reside toda a força da arte entre os índios e não na ideia central de um ponto fixo para a pura abstração do outro externo.

A arte se mantém igual, como no princípio, entre nós, é não é mero fruto da providência. Por nós, manifestada, serve de alerta e orientação, pois não estamos mais evoluídos se tendemos à autodestruição. Abstração é outro conceito que a arte indígena não atende, pois, tudo nela é significado e concreto no seu modo de existir. É sim um forte romper com a invisibilidade, ou que seja, um ampliar a visibilidade para outros campos da nobreza do existir, da bravura de vencer o cotidiano geralmente violento.

A arte fala de seu berço, respira trocas e é sempre atual, precisa ser contextual, sentida no todo e por cada um como uma experiência única com propósito coletivo. Índios alcançando projeção midiática por meio da arte própria é novidade no Brasil das contradições, das revelações. Índios que escrevem livros são fenômenos recentes e esse produto, o livro do índio, ou a arte do índio, não o são sem o todo, sem a trajetória paulatina do contatos, de adoções e renúncias.

O produto cultural do índio contemporâneo é, antes de tudo, um testemunho fiel de um sentimento sem tempo definido. Em uma visão mais ampla, é um transgredir constante a relação dos índios com a arte nesse tempo, que já

soma alguns milênios em muitos palcos. Por ancestralidade acessam a genética das origens e não desenham uma história repetida ou contam uma história mal contada. Não tem qualquer tempo ou fronteira. Lidam com intimidade com metafísica, metalinguagens, invisibilidades e, agora, têm muito mais que a oralidade, têm a mídia.

Hoje os índios fazem arte em tudo e são premiados como tal e, dessa forma, a arte, os prêmios, as linguagens artísticas são resgatadas nos circuitos da arte e levados para o circuito do povo. O índio atual vive onde e como pode e vê-se arte no meio da floresta, onde não está alheio ou isolado de recursos ou atingido por fragmentos de resíduos do grande mundo cíclico.

Para quem se propõe à análise, o que poderia significar um artista indígena de destaque expondo agora as coisas em outro ângulos, de dentro do mato pra fora? Talvez, os tempos ultra móveis não caibam mais nestes conceitos fixos, e práticas certificam, antes da ciência, pelo poder da mídia e o acesso amplo ou restrito a ela. É muito recente a noção de arte como tal entre os índios, e lembro que antes era percebida por outras práticas, outros propósitos. Pelo que vejo em minhas vivências os jovens artistas indígenas estão em processo de experimentação do talento. Como referência, busco estimular-lhes a permanência fiel à natureza, viver em vigilância.

Com o termo experimentar o talento, quero dizer que os jovens indígenas se armam de ferramentas da tecnologia disponível para a plena expressão, indo muito além do desenho ou da pintura. Ao adotar, plenos de si, a arte contextual, indígenas artistas do novo mundo revelam como mídias, muito mais que memórias, revelam universos cruzados de sabedoria plena e estado de mero acaso, sujeito, sempre sujeito ao olhar alheio.

Querer falar ou escrever sobre arte entre índios, nos contextos de mídias contemporâneas, é ser alçado ao ângulo mais alto da perspectiva mais ampla sobre pluralidade. Se o autor é indígena ele se expressará como tal e será uma ponte, ele próprio vivendo a grande experiência. Se o autor não é indígena, a Arte Indígena Contemporânea para ele deve ter o efeito da coisa imaginada. Bem nesse ponto, argumenta-se identidade com algo que nos leva à sensibilidade e a manifestações de elementos da espiritualidade.

Tudo parte, parece, de deixar uma brecha para a desconstrução. Eu não posso imaginar, pois escrevo como artista indígena, e, estando nesta posição, quanto mais se tem de referências ajuda, o quanto menos, alimenta-se o instinto da busca, apimenta o sabor da descoberta. Diante de tantas maravilhas o justo aventureiro volta ao seu lugar e envereda pesquisa para seu futuro já a partir de um ponto fixo. Sou isso, diz com autonomia e certidão o homem do presente, eu

me vejo aqui. Volta, da atividade de olhar amplamente o seu sentido, com suas coordenadas.

A primeira observação é a identidade ou a identificação. Sou o artista de um povo, ou, pertencço a um povo e sou artista. O artista indígena que consegue, o artista da atualidade, é o mesmo de outros tempos e os artistas índios de outrora também, mas eles não tinham mídia e hoje com tecnologias somadas abrem um veio novo para o alimento de todos e uma função a mais é empregada, o valor comercial da obra.

A arte indígena contemporânea é o pacote de vozes dos índios nas mais diferentes mídias. Um ponto determinante é: a arte precisa do artista, que precisa da comunidade, que precisa fluir na arte. A sociedade, a comunidade, precisa reconhecer-se no objeto da arte. E digo que o objeto da arte neste sentido são as interações, as várias mídias que são geradas por essas abordagens. A conexão ser-meio, local-global, matéria-espírito.

Vejo como um operador primário na complexa cadeia que forma a estrutura do fluir da arte. Sou da Amazônia e digo sem medo: conheço muito pouco esse lugar. Conheço muito pouco sobre metodologias ou termos e técnicas em geral. Escrevo como um complemento, pois tudo só vem mesmo com os complementos. A arte entre os índios na atualidade vem com todas as forças disponíveis, e até mesmo para

escrever sobre esses fenômenos faltam palavras adequadas e a todo o instante o leitor é convidado a voar livremente pelos seus campos livres de criatividade.

A oralidade já fez muitos viajantes. Um narrador e seu ouvinte, um céu e uma galáxia. Forma, essa frase, uma paisagem inicial no nosso imaginário e ao darmos um zoom chegamos ao alcance dos sentimentos, que rementem à memória e hoje viram literatura e povoam a internet, influenciando um tempo em transição.

No tocante à conjuntura, é o protagonismo que permite revelar em mídia aberta que a notabilidade dos índios artistas ou escritores são frutos da resistência secular de seus ancestrais. A luta dos mais velhos, a luta dos antigos, que inclui, sim, manter-se invisível como estratégia, como agora exigem manter-se em visibilidade para não ficar soterrado, à parte dos grandes eixos gerais, a grande política, a luta de poder com poder. Em sentido mais prático, o aparelho estatal prepara medidas drásticas para o pouco alcançado, a negação definitiva do acesso à terra, as revisões e suspensões dos direitos adquiridos, a negação ao direito do amplo manifestar-se, numa nova onda de criminalização e sentenças para os plenos atos de fé e espiritualidade nestes mesmos canais de mídias onde providencialmente alguns furam os cercos e alardeiam que é possível mas é preciso lutar.

A proposta deste ensaio acredita-se estar mantida. Alertamos que não partiríamos de uma perspectiva conclusiva ou simples generalista mas colaboraríamos com um ponto de vista a mais sobre o assunto como teoria e sobre as práticas como evidências. A arte indígena contemporânea ganha paulatinamente mais palco por estes lados. No Brasil esta cultura ganha volume apoiada em manifestações, exemplos de países andinos e norte americanos onde os debates destacam um estágio mais ordenado dos discursos com as práticas. No contexto aos esforços reunidos para evidenciar a arte indígena contemporânea no Brasil é preciso destacar a atuação das Universidades Federais como agentes colaborativos para o amplo crescimento da visibilidade das práticas. O mercado tem, junto com a mídia, o papel fundamental de reforçar que os índios seguem cruzando valores e avançando por campos antes improváveis para a ocupação de espaços. Frutos de suas próprias agências em conhecer, adotar e com práticas legitimar sempre em projeção maior em todos os aspectos, os artistas indígenas levantam a grande questão.